O DISCURSO SOBRE A MÁFIA ITALIANA PRESENTE NA OBRA LITERÁRIA DE O PODEROSO CHEFÃO

THE DISCOURSE ABOUT ITALIAN MAFIA IN THE GODFATHER

Lucas Garcia Quaglioto[1]
lucasgarciagcd@gmail.com

RESUMO

A Máfia Italiana tem sido objeto de exploração da indústria cultural há muito tempo. Uma obra que se destacou e virou clássico de referência sobre a concepção popular de "Máfia" é O Poderoso Chefão de Mario Puzo. Portanto, o objetivo desta pesquisa é identificar elementos enunciativos e interditos da estrutura da Máfia, demonstrando relações de poder que a cercam e delimitando sua ordem do discurso. Baseado na concepção de discurso de Foucault, este trabalho analisa as fronteiras que cerceiam a ordem estrutural de poder da Máfia, relacionando com sua origem conectada à tradição mafiosa siciliana. Os textos imagéticos da violência praticada pela Máfia são uma tática discursiva de amedrontamento de seus opositores e adversários. Os atravessamentos discursivos presentes na ordem do discurso da Máfia implicam em inter-relações com: o discurso político hegemônico, a religiosidade praticada por seu povo oriundo da Sicília e a responsabilidade com sua construção discursiva ao atender agentes de fora da Máfia.

Palavras-chave: Ordem do discurso. Máfia Italiana. O Poderoso Chefão.

ABSTRACT

Italian Mafia has been a target of cultural industry for a long time. A work that became a classical reference on the popular conception of "Mafia" is Mario Puzo's The Godfather. Therefore, the objective of this research is to identify enunciative elements and interdicts of the Mafia structure, demonstrating power relations that surround it and delimiting its order of discourse. Based on Foucault's conception of discourse, this work analyzes the boundaries that surround the Mafia's structural order of power, relating it to its origin connected to the Sicilian Mafia tradition. Visual texts of the violence practiced by the Mafia are a discursive tactic of frightening its opponents and adversaries. The discursive intersections that are in Mafia's order of discourse imply interrelationships with: the hegemonic political discourse, the religiosity practiced by Sicilian people and the responsibility with its discursive construction when serving agents outside the Mafia....

Keywords: Order of discourse. Italian Mafia. The Godfather.

1 INTRODUÇÃO

Dada a possibilidade de trabalhar com diferentes concepções de discurso no âmbito da literatura, selecionamos o romance *The Godfather* (1969), que em tradução literal significa "O Padrinho", mas que no Brasil foi adaptado para *O Poderoso Chefão* ou *O Chefão* do escritor

[1] Licenciado em Letras pela Universidade do Extremo Sul Catarinense.

ítalo-americano Mario Puzo (1920-1999). Este romance transformou-se em um best-seller fazendo com que o autor saísse do anonimato. Esta obra possui como pano de fundo central a Máfia[2], sobretudo não qualquer máfia, mas a Máfia Italiana.

Para tal fim, antes de tudo, é preciso deixar estabelecido qual noção de discurso adotaremos para efetuar a análise crítica da obra. Adotaremos a perspectiva construída pelo filósofo-historiador francês Michel Foucault (1926-1984) principalmente nas obras *Microfísica do Poder* (2002) e *A Ordem do Discurso* (2008). Devido a compreensão de que o Foucault trabalha a concepção de discurso mais centrada no campo da análise histórica, sobretudo em como o discurso se materializa nas arenas de combate, combate esse que se solidifica como relações de poder. Por isso a escolha principal se dá em Michel Foucault.

Além disso, é preciso compreender quais elementos históricos constituem a estrutura da obra *O Poderoso Chefão*, visto que a obra está situada em um recorte histórico preciso entre os anos de 1945 a 1995. Portanto, para dominar a abrangência dos enunciados tratados no livro é necessária uma devida contextualização de discursos pilares e estruturantes das narrativas contidas em *O Poderoso Chefão*. Neste sentido, buscaremos investigar a história da Máfia Italiana; de sua origem, organização e atuação histórica, e quando dizemos histórica, queremos dizer discursiva. Para isto nos apropriaremos do estudo feito pelo historiador italiano Salvatore Lupo (1951), autor do livro *A História da Máfia – Das origens aos nossos dias atuais* (2002), que servirá de base teórico-histórica para nossa abordagem a respeito da Máfia Italiana presente em *O Poderoso Chefão*.

O Poderoso Chefão é o romance escrito por Mario Puzo (1920-1999) que tem como baluarte a concepção teórica de Máfia Italiana, refletida sob o contexto de cinco Famílias Mafiosas que instalaram seus impérios na cidade de Nova York nos anos de 1945 a 1995. Sua narrativa se concentra nos acontecimentos discursivos da Família Corleone, que assume o protagonismo do romance. As "cinco famílias" da Máfia Italiana descritas por Puzo são baseadas nas famílias de origem siciliana chefiadas por: "Bonnano, Luciano Gambino, Reina, Lucchese e Profaci":

> No início dos anos 30 chegaram a América do Norte. Provinham de regiões corrompidas da área ocidental da ilha: três de Palermo, os outros de Lercara, Corleone e Castellammare. (LUPO, 2002, p. 39).

[2] Trataremos Máfia com M maiúsculo para estabelecer a diferença dela com outros grupos criminosos e evitar erros com atribuições generalizadas, conforme será explicado mais à frente.

Com isso, fica evidente a forte influência que a cultura italiana exerceu para que Puzo parisse *O Poderoso Chefão* com esta imponente voz da Máfia Italiana, que foi determinante para a construção da identidade literária do livro. A origem do termo máfia está na comédia teatral *Mafiusu di la Vicaria*, em 1863, de Giuseppe Pizzotto e Gaspare Mosca (LUPO, 2002, p. 15). Para fim de referenciar um grupo agrário de Nápoles conhecidos como camorristas, derivados da Camorra, atualmente Máfia Napolitana (*idem*, p. 13). O próprio termo Máfia era designação exclusiva do sul da Itália pra se referir à sociedade agrária de Sicília; a sociedade agrária de Nápoles era *camorra* e a sociedade agrária de Calábria era *ndrangheta* (LUPO, 2002, p. 13). Sociedades independentes do Estado, que por razões econômicas e políticas, se organizavam à sua maneira e não se submetiam às regras vigentes do Estado.

Portanto, de acordo com o que o Lupo (2002) traz em seu estudo, o termo "Máfia", que hoje se encontra com sentido polissêmico, origina-se com acepção de designar um grupo de pessoas oriundas da Sicília, como verificamos quadro abaixo:

Quadro 1 – Esquema de identificação dos grupos agrários no sul da Itália

Fenomenologia Nominal	**Grupo Agrário praticante do Fenômeno**
Máfia	Criminalidade regional siciliana
Camorra	Criminalidade regional napolitana
'Ndrangheta	Criminalidade regional calabresa

Fonte: Lupo, 2002, p. 12-13.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Em ordem de delimitar um objetivo ao tema que é tão difundido na cultura contemporânea, que divide espaço entre grandes nomes da literatura, cinema, documentários e manchetes de jornais, não falta vontade de forças políticas e econômicas em querer conceituar o termo e a existência da Máfia em seu contexto geral. Inúmeras são as hipóteses e tipificações atribuídas ao fenômeno em análise. Lançado este desafio, começaremos estabelecendo determinados critérios para construir uma pesquisa que se distinga das que estão postas no debate público.

2.1 MÁFIA, SEU CONCEITO E NOME

Em meados do século XIX a palavra máfia começa a ganhar força e destaque pelos meios de comunicação, vai aparecendo com frequência em manchetes jornalísticas, discursos políticos e publicitários, em inquéritos policiais, no cinema, literatura e se torna objeto de estudo de antropólogos, sociólogos, juristas, economistas e historiadores. Neste emaranhado de discursos e linguagens, é de expectar que o termo acabaria caindo em um tanque de polissemia. Que na contemporaneidade, o seu sentido estaria comprometido no que tange ao seu caráter de originalidade impermeável. Segundo Falcone,

> enquanto antes se tinha reserva em pronunciar a palavra "máfia" ... agora se tem até abusado desse termo ... Não me parece bem que se continue a falar de Máfia em termos descritivos e polissêmicos porque se misturam fenômenos que são de criminalidade organizada mas que tem pouco ou nada a ver com a Máfia (*apud,* LUPO, 2002, p. 12).

Esse contraponto de Falcone se origina associado a uma superelite criminosa originária da Sicília ocidental, agora comumente chamada La Cosa nostra (*idem*) que estava estabelecida como uma identidade de delinquência comum ao que se havia encontrado na Sicília. Trazendo a noção dominante de que se tratava de uma correspondente direta da criminalidade regional siciliana.

Com os acontecimentos nos Estados Unidos da América ganhando grande repercussão, surge um leque de atribuições genéricas a diferentes grupos, tais como máfia chinesa, turca, russa, colombiana e etc. Em um passado remoto tal termo foi considerado como uma postura de anarquia por parte de grupos marginalizados diante das leis e regras da sociedade, mas não se sustentou porque o conceito de anarquia não se encaixava em nada com o que se via tomando forma de Máfia, fazendo com que se dissipasse a névoa de confusões criadas. Isto porque o próprio termo assume formas mais amplas de designação, como "influência de lobbies, associações secretas, aparelhos estatais desviados" (LUPO, 2002, p. 13), provando assim que o fenômeno não se consolida à parte da sociedade, mas sim está no cerne dela, se nutre de suas deficiências e se solidifica nas suas fraquezas. Estando, por assim dizer, no meio das relações entre política, negócios e criminalidade (LUPO, 2002, p. 13), "uma difusa ilegalidade ou corrupção, um mau hábito feito de favoritismos, clientelismo, fraudes eleitorais,

incapacidade de aplicar as leis de maneira imparcial" (LUPO, 2002, p. 13). Essas considerações provocam uma mudança na crença comum que estava fundada na imagem de que a Máfia se caracterizava apenas práticas de truculência urbana e violência calculada, visto que já podia encontrar na Itália condenações por "associação mafiosa" em 1982 (LUPO, 2002, p. 13).

Quando começa a se prescrever os pormenores e métodos corriqueiramente associados ao conceito definidor de Máfia, as práticas concretas já publicadas, notificadas, documentadas e estudadas, o caminho para atingir um denominador comum soa mais fácil. Entretanto, é nesta percepção que ocorrem os mais famosos deslizes, porque o terreno que se constrói com essas informações fica ainda mais escorregadio de se dar passos firmes. Visto que essas eventuais práticas podem surgir no espaço sem direção e coesão precisas, onde até mesmo não se consegue identificar os seus principais atores, comprometendo a imersão cirúrgica em corporificar o verdadeiro código que expande os tão apresentáveis agentes que se apropriam da identidade de origem e pertencimento. Logo, se aparecem visivelmente os sujeitos correspondentes da ordem do discurso da Máfia, então surge a concepção de que sua presença não se dá apenas no espaço imaterial, mas sim que assume forma e demonstra seus vitais fundamentos. Se há sujeito, há vida nessa ordem, logo há um discurso que vem na intenção de codificar suas práticas para marcar sua identidade de origem e pertencimento.

> A superestrutura das palavras se autoalimenta, envolve como metástase a estrutura dos fatos, destruindo-a; o conceito perde qualquer ancoragem sólida, até mesmo espacial e cronológica, sendo as categorias de corrupção e clientelismo diversamente aplicáveis a fenomenologias, tempos e lugares muito variados. Se tudo é máfia, nada é máfia (LUPO, 2002, p. 14)

Nesta passagem, Lupo afirma com eloquência a necessidade urgente de um freio nas tentativas de definir o conceito de Máfia, sugerindo ao pensamento acadêmico que é preciso se debruçar mais sobre o objeto para assim entendê-lo e evitar as tradicionais caricaturas atribuídas ao tema de enfoque.

2.2 MÁFIA; SUA ORDEM DO DISCURSO

É aqui que se localiza o ponto central para a pesquisa, entender a objetividade que se materializa na Máfia Italiana para além dos simplistas subjetivismo e relativizações. Aliás, conceber a sua estrutura de poder que modifica e influencia seus sujeitos no decorrer de suas atuações, identificar suas peças -chaves, suas linearidades e descontinuidades, seu organismo

vivo que se configura em regras regulares que vão se repetindo a cada surgimento, sua resistência a outros discursos que se opõem a sua estrutura de poder, buscando, portanto travar uma guerra que não se restringe somente aos campos político, social, econômico, jurídico e publicitário, mas por fim se faceta também na batalha entre códigos linguísticos, mapas conceituais e signos – em uma ofensiva e defensiva constantes de narrativas que se estruturam em uma rede de compartilhamento de textos escritos e imagéticos que se ancoram no espaço e tempo.

O primeiro passo a ser tomado para que seja compreensível tudo que está sendo colocado, é ratificar a Máfia Italiana como um discurso de ação contínua, propositalmente listada e escalada nos grupos que subvertem os valores sociais tradicionais. "Para resistir, é preciso que a resistência seja como o poder. Tão inventiva, tão móvel, tão produtiva quanto ele. Que, como ele, venha de 'baixo' e se distribua estrategicamente." (FOUCAULT, 2002, p. 241)

Ou seja, um discurso de resistência, que por sua forma resiste a algo que a enfrenta e, de certo modo, a coloca contra a parede, na maioria das vezes esse enfrentamento se dá contra os aparelhos do Estado. Quando um discurso emerge da sociedade e tenta se contrapor ao discurso vigente, que se oficializa na sociedade e se legitima na homogeneidade, é porque está buscando subverter a verdade outrora aceita irrevogavelmente. Portanto, o que temos no campo de batalha são duas forças opostas que buscam estabelecer um regime de verdade sobre os fatos, Foucault chama isso de "inversão estratégica de uma *mesma* vontade de verdade" (2002, p. 234. Grifo do autor). Como essa guerra se consolida no campo das ideias, se trava na superestrutura da sociedade.

Com isto, ilustra-se como se desenvolve essa batalha de discursos. Quando os aparelhos do Estado, por meio de seus tribunais, imprensa, classe política e textos jornalísticos veêm a público definindo a Máfia Italiana como um grupo de criminosos a ser combatido, ela revida dizendo ao mesmo público que são "homens de honra". Quando a sociedade denuncia a ausência do Estado em assuntos de segurança pública, a Máfia Italiana aparece oferecendo segurança e proteção aos comerciantes locais por um singelo pizzo[3]. Quando o governo implode em escândalos de corrupção e desordem política, a Máfia Italiana discursa sobre um ornamento

[3] *Toda a Verdade, Camorra, A Máfia Italiana, Toda a Verdade VI,* YouTube, duração: 52:21m, 5 de nov. de 2018, (Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=2dVHHPNnm7s). Uma troca de favores, originário do dialeto napolitano para designar o pagamento de uma taxa em troca de serviço, derivado do siciliano "molhar o bico", semelhante ao imposto tributado pelo Governo. Uma extorsão em troca de proteção contra infortúnios.

de ordem interna possuidor de um código de Omertà[4] (LUPO, 2002, p. 53) inviolável (código esse que os categoriza como homens de qualidade absoluta, por jurarem suas vidas ao voto de silêncio até a morte, organizando a Máfia como entidade que resolve seus assuntos sem recorrer a agentes externos). Quando uma empresa privada fracassa em pagar seus funcionários regularmente e tem queda em seus rendimentos produtivos, a Máfia Italiana reluz com seus sujeitos assalariados em dia, suas operações e negócios funcionando com máximo de aproveitamento. São nessas nuances que incursa a batalha de ordenamento do discurso da Máfia Italiana. Assim como a sistemática implacável em evitar o uso de certas palavras, tais como: morte, assassinato, extorsão, agressão, violência e etc. Substituindo-as para a produção de sentido somente entre seus pares, capitalizando seu valor justamente no não dito como enunciação de significado valoroso mesmo sem dizê-lo. Tal qual a passagem quando o Consigliere Tom, da família Corleone, narra aos seus membros que Luca Brasi foi "dormir com os peixes', que é uma alusão indireta à morte (PUZO, 2017, p. 121), falando sobre assassinato sem necessariamente dizê-lo. Cria-se, com isto, uma instância de enunciação que catapulta seu objeto de enunciado, no vazio das palavras exatas, mas que pelo processo natural de interlocução, os recursos linguísticos não ditos expressamente se fazem apreendidos de locutor para ouvinte do enunciado.

> A essa aspiração tão comum, a instituição responde de modo irônico; pois que torna os começos solenes, cerca-os de um círculo de atenção e de silêncio, e lhes impõe formas ritualizadas, como para sinalizá-los à distância. (FOUCAULT, 1996, p. 6-7)

Nisso que se embarca a sujeição entre a instituição e o desejo, no cerne da lacuna que transita a materialidade do discurso em seus pronunciamentos concretos por vias orais e escritas, acompanhado da conjuração inquietante que se apaga e foge do controle de qualquer autoria e propriedade cuja sua duração não pertence aos assujeitados do discurso. "Estamos todos aí para lhe mostrar que o discurso está na ordem das leis; que lhe foi preparado um lugar que o honra mas o desarma; e que, se lhe ocorre ter algum poder, é de nós, só de nós, que lhe advém" (FOUCAULT, 1996, p. 07). Ou seja, as palavras dão um jeito de se encontrar, mas a sua formação no espaço e tempo não possui controle e dificilmente se mira seus alvos. Os enunciados assumem materialidade devido ao processo articulador de interlocução que se

[4] Sobre *OMERTÀ,* de acordo com Pitrè (1978, p. 292-294, *apud* Lupo, 2002, p. 19) "derivaria da raiz *uomo*, significaria por excelência homem, que virilmente responde por si só mesmo às ofensas sem recorrer à justiça estatal".

desenvolve nas instâncias de enunciação. As práticas discursivas incorporam uma regularidade de uso e imposição contextuais, em uma incessante disputa que instaura um campo de batalha que força trazer seu próprio regime de verdade.

3 ANÁLISE

A Máfia Italiana ganha uma proeminência em *O Poderoso Chefão* (1969) por meio de Mario Puzo (1920-1999). No campo da literatura, especialmente a que se propõe projetar um produto comercial e bem quisto nos mercados editoriais e de consumo, nada a respeito da Máfia Italiana tinha ganhado antes tanta notoriedade e charme. Graças ao *O Poderoso Chefão*, o tema sobre a organização outrora ultrassecreta, explode em seus leitores um fascínio histérico no nível de torná-la objeto de fetiche e reaplicações para outras plataformas populares. A Máfia Italiana estava dominando o *mainstream*.

Ao tornar-se parte da corrente dominante do processo de produções artístico-culturais, o nosso objeto de estudo é encoberto por uma cortina nebulosa que estabelece uma teia complexa de aforismos e mitologias ficcionais que são alicerçadas na lógica de produção capitalista de Hollywood. Por isso, é importante distinguir o produto literário criado por Puzo da adaptação cinematográfica de Francis Ford Coppola. Pois, como dito, ao se tornar produto licenciado à venda no mercado global do entretenimento, a Máfia Italiana é enfeitada com adornos folclóricos do cerne cultural que focaliza o espetáculo e rejeita qualquer compromisso social e histórico com a veracidade. Para alcançar este objetivo central pode ser estabelecido dois momentos:

a) A Máfia Italiana como fenômeno antropológico de um povo;
b) A inter-relação sociopolítica da Máfia Italiana com o Estado.

3.1 A MÁFIA ITALIANA COMO FENÔMENO ANTROPOLÓGICO DE UM POVO

Em *O Poderoso Chefão* a Máfia Italiana ganha um aspecto urbano e não agrário como remete a origem do termo no sul da Itália em Sicília. Ela incorpora nas cinco famílias que protagonizam o discurso do livro. Uma faceta de gangsterismo urbano. “Nos Estados Unidos, a máfia perde sua caracterização regional e se cruza com outras formas de criminalidade

(LUPO, 2002. p. 228), tais como ramos de apostas ilegais, prostituição, contrabando etc. O que caracterizou a estrutura social da La Cosa Nostra nos Estados Unidos. O belicoso sindicato do crime que governou o submundo de Nova York pós-Segunda Guerra Mundial está no esbanjamento de prosperidade de seus negócios, fechando alianças com o governo e promovendo paz entre seus membros de regimento interno e assumindo uma identidade diferente de seu campo de origem.

> A Máfia, está muito vinculada à história de sua região, que foi invadida, saqueada e sublevada por estrangeiros durante séculos. Assim sendo, no século XIX, cria-se um clã com o fim de ajuda mútua e com códigos particulares que vigoraram perenemente. (ACOSTA BERNADET, 2016, p. 11).

Segundo Acosta Bernadet (2016), em apontamentos sobre a Máfia Italiana e sua organização originária localizada na região siciliana, sua estrutura de atuação era composta por grupos de sicilianos que visavam se proteger de estrangeiros poderosos que vinham saquear e violentar suas terras. Com isso dito, e um olhar atento e sério para o aspecto histórico que forçou uma onda de emigrações italianas nos *Estados Unidos*. É possível analisar o como a configuração conjectural dos *Estados Unidos* foram capazes de forjar uma nova identidade para os grupos mafiosos que chegaram à nova terra. A economia estadunidense estava em profunda recessão e determinava uma sociedade que, por suas dificuldades sociais, empurrou os emigrantes para áreas de extrema pobreza.

O protagonista de *O Poderoso Chefão* (1969), o sublime Don Vito Corleone é um desses emigrantes italianos que vem para a América do Norte.

> Don Corleone já era um verdadeiro homem com a idade de 12 anos. Baixo, moreno, franzino, vivendo na estranha aldeia de Corleone, de aspecto mourisco, na Sicília, seu verdadeiro nome era Vito Andolini. Mas quando alguns estranhos vieram matar o filho do homem que tinham assassinado, a mãe mandou o menino para a América, a fim de ficar com amigos. E na nova terra ele mudou o nome para Corleone, tentando manter alguma ligação com sua aldeia natal. (PUZO, 2017, p. 201).

Vito Corleone é atravessado já novo pelo discurso da Máfia Italiana, que remete a uma lógica estruturante de honra mediada pela prática de violência como componente que instaura um regime de terror em seus adversários. Portanto, ser um mafioso é ser violento. É usar de violência para alcançar os fins desejados. “O discurso verdadeiro – no sentido forte e valorizado do termo – o discurso verdadeiro pelo qual se tinha respeito e terror, aquele ao qual era preciso submeter-se, porque ele reinava” (FOUCAULT, 1996, p. 14-15). A Máfia vai no

encalço de Corleone acreditando que, por ele já ter cumprido 12 anos, fosse ir atrás de vingança pela Máfia ter matado seu pai. Outro componente antropológico da Máfia Italiana, pensar que outros usariam uma determinada tática porque eles mesmos a usam. É considerar que seu adversário vai fazer uma jogada com a rainha na tábula de xadrez porque você faria. A vingança é um *interdito* discursivo funcional na integridade estrutural da Máfia.

A Máfia Italiana acredita em acertos de contas, que se não for violento, não pertence à organização italiana. O pai de Vito Corleone morreu porque se envolveu em uma rixa com um aldeão que levou a situação para a máfia local; ironicamente, a máfia no fim do século XIX, era o segundo governo da Sicília, tendo muitas vezes mais poder político que o próprio governo legítimo. Nessa rixa, o pai de Vito Corleone foi insubmisso e acabou em uma briga de bar matando o chefe local da Máfia. De acordo com as palavras de Puzo, o corpo do pai de Vito Corleone após o incidente com a Máfia foi encontrado "dilacerado por cargas de *lupara"* (PUZO, 1969, p. 201*).*

A antropologia da Máfia Italiana se manifesta nessa passagem relativamente simples. A violência como máquina de terror que fundamenta seu discurso, com interlocução equilibrada para ordenar suas instâncias de enunciação, que de modo interdimensional conecta seus signos culturais. No tocante ao rompante de definir as coisas em sua ordem social, que por insurgência da violência enquanto método, recria a realidade até então metamorfa aos seus tradicionais costumes. Que por força maior inventa uma rede intacta de comunicações que, apesar de sofrer de influências socioculturais, transmite sua mensagem remanescente carregada de seu valor singular.

> Esse princípio não voga em toda parte nem de modo constante: existem, ao nosso redor, muitos discursos que circulam, sem receber seu sentido ou sua eficácia de um autor ao qual seriam atribuídos: conversas cotidianas, logo apagadas; decretos ou contratos que precisam de signatários mas não de autor, receitas técnicas transmitidas no anonimato. (FOUCAULT, 1996, p. 26-27).

Uma ordem do discurso não linear, que se aproveita de um campo vazio de significados para impor o seu próprio significado. Em uma luta intensa que prospecta brutalmente seus destinatários. Não possui autoria fixa e estática, mas sua materialidade enunciativa se faz apreendida pelos seus expoentes, assim como consentidas aos seus alvos e vítimas. A mãe de Vito Corleone não pertencia à máfia, mas entendia claramente a linguagem

que eles apregoavam, tanto que para salvar seu filho, sabendo que o discurso da Máfia era sério, o mandou para a América do Norte em segurança.

Como se vê na obra literária, assim como em relatos fidedignos documentados por Salvatore Lupo (2002), a Máfia Italiana é um fenômeno que atravessa profundamente os espaços onde ela se situa. Ela assombra a vida de aldeões simples e fazendeiros comuns. Quem está onde a máfia se aloja, inevitavelmente sentirá o gosto de seu perene código que se constitui com força vital mediante ao discurso. Observa-se que somente em uma cadeia simples de acontecimentos situada nos dois primeiros parágrafos do capítulo 14 da obra de Puzo, que representa a origem da Família Corleone, Família, neste caso, deve ser entendida como *Famiglia*, signo de facção e clã criminosos, vemos marcações conceituais definidas sobre a Máfia Italiana: o insumo da Máfia é a violência, se não é violento, logo não é a Máfia. A Máfia serve a um código de honra que venera seus integrantes, estabelecendo votos de juramento que implica em um cometer assassinato pelo outro. A vingança é um pacote servido em público para que todos os olhos possam enxergar. A resposta para quem atravessa a Máfia é imediata.

> A multiplicidade aberta, o acaso são transferidos, pelo princípio do comentário, daquilo que arriscaria de ser dito, para o número, a forma, a máscara, a circunstância da repetição. O novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta. (FOUCAULT, 1996, p. 26)

O regime de terror e medo é estabelecido, a relação de poder está lançada; tendo a Máfia como dominante. É nos textos imagéticos que a ordem do discurso da Máfia Italiana ganha corpo, alma e espírito. Pois bem, se não há violência, se não há morte, se não há corpos empalados em público, se não há recados sangrentos; não é a Máfia Italiana. Sua textualização se materializa no discurso sem utilizar palavras para produzir o seu sentido.

> de onde vêm, quem os escreveu; pede-se que o autor preste contas da unidade de texto posta sob seu nome; pede-se-lhe que revele, ou ao menos sustente, o sentido oculto que os atravessa; pede-se-lhe que os articule com sua vida pessoal e suas experiências vividas, com a história real que os viu nascer. (FOUCAULT, 1996, p. 27-28)

Seu discurso está invisível, mas suas práticas visíveis. É a estratégia enunciativa que constrói o *interdito* discursivo detrás dos textos imagéticos que são lançados aos seus destinatários. A finalidade comunicativa age no campo de batalha para instaurar a sua força. Outrora, a anomalia socioantropológica, já não é mais anormal, nem desconhecida, a Máfia Italiana consolidou sua ordem do discurso. “O comentário limitava o acaso do discurso pelo jogo de uma *identidade* que teria a forma da *repetição* e do *mesmo*” (FOUCAULT, 1996. p.

29). A Máfia em sua ordem do discurso se regulariza, seus enunciados se padronizam, são eles a violência, a vingança, o terror. Nesse círculo ela sustenta suas interrelações com agentes de fora da estrutura organizacional da Máfia.

3.2 A INTER-RELAÇÃO SOCIOPOLÍTICA DA MÁFIA ITALIANA COM O ESTADO

Desde o princípio, a Máfia Italiana e o Estado definiram-se em uma relação *dicotômica*. Entretanto, esmiuçando essa *dicotomia*, se encontram certas particularidades. Devemos entender, de antemão, que o Estado em sua formação institucional, por razões políticas, fomenta uma *dicotomia* com uma série de organizações. Por exemplo, em meados dos séculos XIX e XX quando explodiu mundialmente o movimento sufragista foi detectado que havia uma *dicotomia* entre o Estado e as mulheres que queriam a garantia fundamental do direito ao voto. Nesse contexto, o Estado optava em bifurcar o homem e a mulher. Por conseguinte, homem e mulher recebiam na ordem pública tratamentos diferentes. Esse é um exemplo, mas há uma série de movimentos sociais que estão em dicotomia com o Estado, que devido a isso surge os enfrentamentos sociopolíticos.

A Máfia Italiana não é um movimento social, mas está em dicotomia com o Estado. O Estado a vê como crime organizado, pois de fato, de acordo com a narrativa hegemônica que se têm enquanto norma social, a Máfia Italiana é crime organizado porque atua na ilegalidade e, diferentemente de outras organizações, é organizada de verdade. É aqui que se situa a disputa de poder entre as duas forças. “A questão do poder fica empobrecida quando é colocada unicamente em termos de legislação, de Constituição” (FOUCAULT, 2002, p. 122). Ou seja, o Estado criou a missão de efetivamente combater a Máfia Italiana. Para isso, não bastam os seus aparelhos, é necessário construir uma série de visões que se conceituam como dogmas para que atravesse o senso geral da sociedade. O problema que surge e exige uma argumentação mais atenciosa ao debate é sobre como a Máfia Italiana enxerga o Estado.

Um aspecto histórico importante de se considerar para a análise, é o fato de quando em um recorte diacrônico, com o surgimento real da Máfia Italiana na Sicília, a Itália vivencia uma conjuntura política extremamente conturbada. Desde o período pós-romano suas regiões estão separadas de qualquer alinhamento federativo, são reinos oligárquicos. Os quais resultam automaticamente em uma não observância governamental das regiões do sul da Itália que são territórios dos clãs mafiosos. As aldeias da Sicília e seus moradores estão sem tutela legal, no

vazio de políticas públicas assistenciais e sem órgãos para acolhê-los. A Máfia Italiana ganha atenção nacional do Estado após o período pós-unitário, que foi marcado por muitos terrorismos políticos devido à imensa repressão estabelecida.

No dia 1º de fevereiro de 1893, Emanuele Notarbartolo di San Giovanni, pertencente a uma eminente família aristocrática siciliana, é assassinado (LUPO, 2002, p. 155).

> A emergência da máfia é imposta não só à Sicília, mas a toda a nação, graças também ao fato de que os três processos Notarbartolo, por legítima suspeição, decorrem em Milão (1899-1900), Bolonha (1901-1902) e Florença (1903-1904); e porque a imprensa, dando claro destaque aos debates, "nacionaliza" o obscuro objeto máfia [...]. (LUPO, 2002, p. 157).

Aqui acontece o que se torna uma prática institucional recorrente para o Estado, extrair um sintoma de uma região transformando-a em uma ameaça global; causando assim uma guerra política na busca de angariar apoio popular para desmantelar um inimigo em comum. Desta vez, o inimigo público é a Máfia Italiana.

Um retrato clássico de como esse discurso se materializa em *O Poderoso Chefão* está logo no início da obra, quando Don Vito Corleone, o qual já não é mais aquele menino fugitivo da Máfia, mas antes um dos mais poderosos chefes da organização, líder supremo de uma das cinco famílias mafiosas de Nova York, banqueteia seu poderio com seus pares mafiosos, alinhando a uma questão ritualística católica de votos matrimoniais. Sua filha caçula está se casando, este dia é sagrado para a família Corleone e também para seu Don. Neste trecho podemos ver também o como a prática religiosa faz parte da 'liturgia' mafiosa, por tradição siciliana, o Padrinho (título atribuído a Don Corleone por ele apadrinhar pessoas e situações aos moldes mafiosos) recebe toda sorte de convidados e não pode, por juramento à tradição, recusar qualquer pedido que lhe seja feito, por mais sórdido que seja.

O que se apresenta como fenômeno de nossa análise é o coveiro Bonasera, que se orgulhava por ser um italiano honesto na América do Norte. Ele trabalhava honestamente e não tinha envolvimentos com a Máfia Italiana, até o dia em que é atravessado pela violência xenofóbica de jovens americanos de alta classe social que violentaram brutalmente sua filha. Desesperado com a situação, Bonasera procurou os tribunais de justiça da América, mas sua história sofreu escárnio e não houve punição alguma para os responsáveis pelo ato bárbaro. "Para conseguir justiça, temos que ir de joelhos a Don Corleone" (PUZO, 1969, p. 10) disse Bonasera.

Don Corleone, seguindo o rito litúrgico da situação matrimonial de sua filha, recebe em seu escritório Bonasera, que desaba em prantos ao relatar seu sofrimento e injúria. Don Corleone o refuta "Você vem à minha casa no dia do casamento de minha filha e me pede para matar" (PUZO, p. 30) e "não pede com respeito. Não me oferece sua amizade" (ibidem). Nota-se o como o aspecto *tradicional* siciliano salta abruptamente nessa conversa, Don Corleone reivindica a instância enunciativa de origem da Máfia, trazendo o campo comunitário do qual se originou a Máfia Italiana, sob a definição de que os clãs mafiosos eram tutores dos aldeões. Nessa mesma passagem, um discurso atravessa o outro, o discurso da Máfia Italiana revitaliza seu espaço de poder em detrimento do enfraquecimento do discurso oficial do Estado: "O juiz decidiu. A América decidiu" (PUZO, p. 30). Bonasera contrapõe-se "Peço-lhe justiça (PUZO, p. 30). Puzo subverte a noção conceitual habitual acerca de justiça, comprometendo toda a ordem do discurso legal do Estado de como posta as coisas como justas. Estabelecendo assim uma construção da ordem do discurso da Máfia Italiana que define justiça como um ato de vingança carregado de efeitos colaterais. "Creio que aquilo que se deve ter como referência não é o grande modelo da língua e dos signos, mas sim da guerra e da batalha" (FOUCAULT, 2002, p. 6). Afinal de contas, há uma luta incessante para definir o regime de verdade prevalecente correto sobre o que é justiça; a disputa de poder sobre isso é até hoje infindável.

Don Corleone arremata "o tribunal lhe fez justiça" (PUZO, p. 30), constrangendo assim toda uma geração que criou o valor de vida sensata na América para os imigrantes italianos; para além disso, reforça a disputa de poder existente entre a Máfia e o Estado. "Você vai aos tribunais de justiça e espera meses. Gasta dinheiro com advogados que sabem muito bem que lhe farão de bobo. Aceita o julgamento de um juiz que se vende como a pior prostituta das ruas" (PUZO, p. 31). O interdito discursivo aqui se manifesta através da divagação de Don Corleone, alegando que Bonasera procura a Máfia em busca de justiça porque o Estado não pode lhe concedê-la.

A interrelação sociopolítica ganha faceta tangível diante do julgamento de Don Corleone, ilustrando que a Máfia Italiana não declara guerra ao Estado, antes neutraliza as expectativas que se constroem sobre ele. É quase dizer que a Máfia Italiana existe porque o Estado deixou de existir. No centro das relações de poder, não há espaço vazio, o outrora vazio, logo será ocupado por alguma força.

> A historicidade que nos domina e nos determina é belicosa e não linguística. Relação de poder, não relação de sentido. A história não tem "sentido", o que não quer dizer

> que seja absurda ou incoerente. Ao contrário, é inteligível e deve poder ser analisada em seus menores detalhes, mas segundo a inteligibilidade das lutas, das estratégias, das táticas. (FOUCAULT, 2002, p. 6)

Portanto, é por meio da inteligibilidade de racionalizar o estado das coisas que seja fundamental a compreensão de suas ordens. É possível dizer que o que está posto aqui é o atravessamento de discursos que constroem a Máfia Italiana, como estrutura de poder paralela ao Estado vigente. Por meio de suas táticas e estratégias, usurpa o interdito discursivo que hegemoniza os corpos sociais. Cria sua própria ordem do discurso que com o cerceamento de uma série de textos imagéticos, se aparelha ao nível de desestabilizar as relações de poder que outrora tinham agentes definidos, invertendo a dominação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme apresentado, desde sua origem até a contemporaneidade, a Máfia Italiana tornou-se um fenômeno a ser considerado e estudado, tendo poder para atravessar outros discursos, tais como o discurso da literatura, da religião e da política. É uma ordem do discurso que luta pela permanência de seus valores e tradição, que trava relações de *poder* com instâncias máximas de *poder*, atravessa tanto comunidades simples quanto grandes metrópoles, é contemplada em manchetes jornalísticas e em obras literárias.

Contudo, observa-se que tais ferramentas utilizadas para descrevê-la e defini-la não são capazes de enquadrar a totalidade do fenômeno que se vale do discurso que passa de geração a geração. Enquanto crime organizado, a Máfia Italiana tem a inteligibilidade de formar uma própria ordem do discurso, que não é o discurso do crime somente e do mero desvio das normas legais. Antes, revoga tais atribuições, trazendo seus interlocutores para seu campo, compilando assim, com uma vasta série de textos imagéticos, uma outra compreensão sobre si mesma, uma mais polida e cristalina. Estabelece assim, no jogo da disputa de narrativas, a sua perspectiva autoral.

A ordem do discurso da Máfia Italiana atravessa os meios em que ela é inserida e *O Poderoso Chefão* ilustra isso com a família Corleone. Mario Puzo descreve como o discurso da Máfia Italiana, localizada em uma região siciliana, criou extensas asas e voou até a América do Norte: atravessando grupos e indivíduos; deixando sua marca e construindo sua textualidade no espaço e tempo; desencadeando lutas de poder com instâncias máximas e conquistando

territórios; expandindo-se e adaptando-se a novas realidades; preservando, em meio a tudo isso, sua ordem do discurso.

No campo da literatura, o artefato específico de Puzo, arrebata a noção acerca da Máfia Italiana para moldes outrora nunca explorados. Embora use de técnicas aplicáveis estritamente ao eixo ficcional, a busca em documentar o discurso da Máfia Italiana com veracidade consegue ter seu desfecho desejado.

Portanto, pode-se entender os elementos enunciativos dos quais a ordem do discurso da Máfia Italiana se apropria para inscrever radicalmente sua estrutura de poder na história. O interdito discursivo da violência em detrimento da abstração de sua tradição litúrgica. Sua narrativa de resistência ao Estado como estratégia reversiva ao conceito hegemônico de *status quo* acerca da justiça. Os textos imagéticos da violência praticada pela Máfia são uma tática discursiva de amedrontamento de seus opositores e adversários. O zelo pela tradição siciliana como fuga de quaisquer tentativas de promiscuir sua ordem do discurso. Os atravessamentos discursivos presentes na ordem do discurso da Máfia implicam em inter-relações com o discurso político hegemônico, a religiosidade praticada por seu povo oriundo da Sicília e a responsabilidade com sua construção discursiva ao atender agentes de fora da Máfia.

Este artigo pode servir, portanto, para a desmistificação que rodeia este objeto de estudo, e como ferramenta para compreensão de outros fenômenos discursivos similares que atravessam a sociedade contemporânea.

REFERÊNCIAS

ACOSTA BERNADET, Luis Fernando. **A securitização do crime organizado dentro da política externa estadunidense na década de 1970-1980:** estudo de caso da máfia italiana la cosa mostra. Monografia. Santana do Livramento-RS. Universidade Federal do Pampa, 2016. Disponível em: https://dspace.unipampa.edu.br/handle/riu/731 Acesso em: 09 jun. 2021.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.

_____. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2002.

LUPO, Salvatore. **A história da máfia:** das origens aos nossos dias. São Paulo: Unesp, 2002.

PUZO, Mario. **O poderoso chefão**. Tradução de Carlos Nayfeld. Rio de Janeiro: Record, 2017.